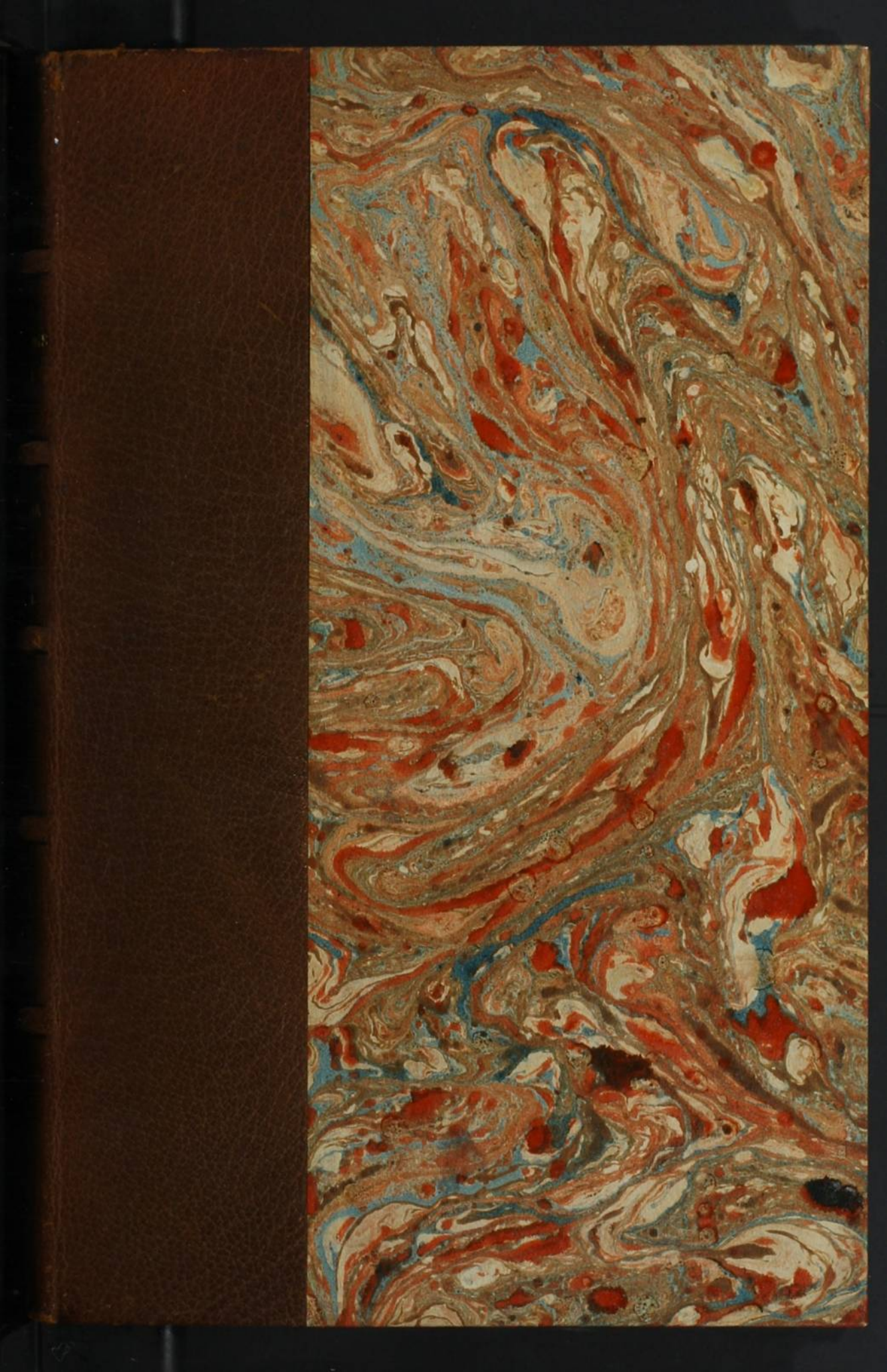


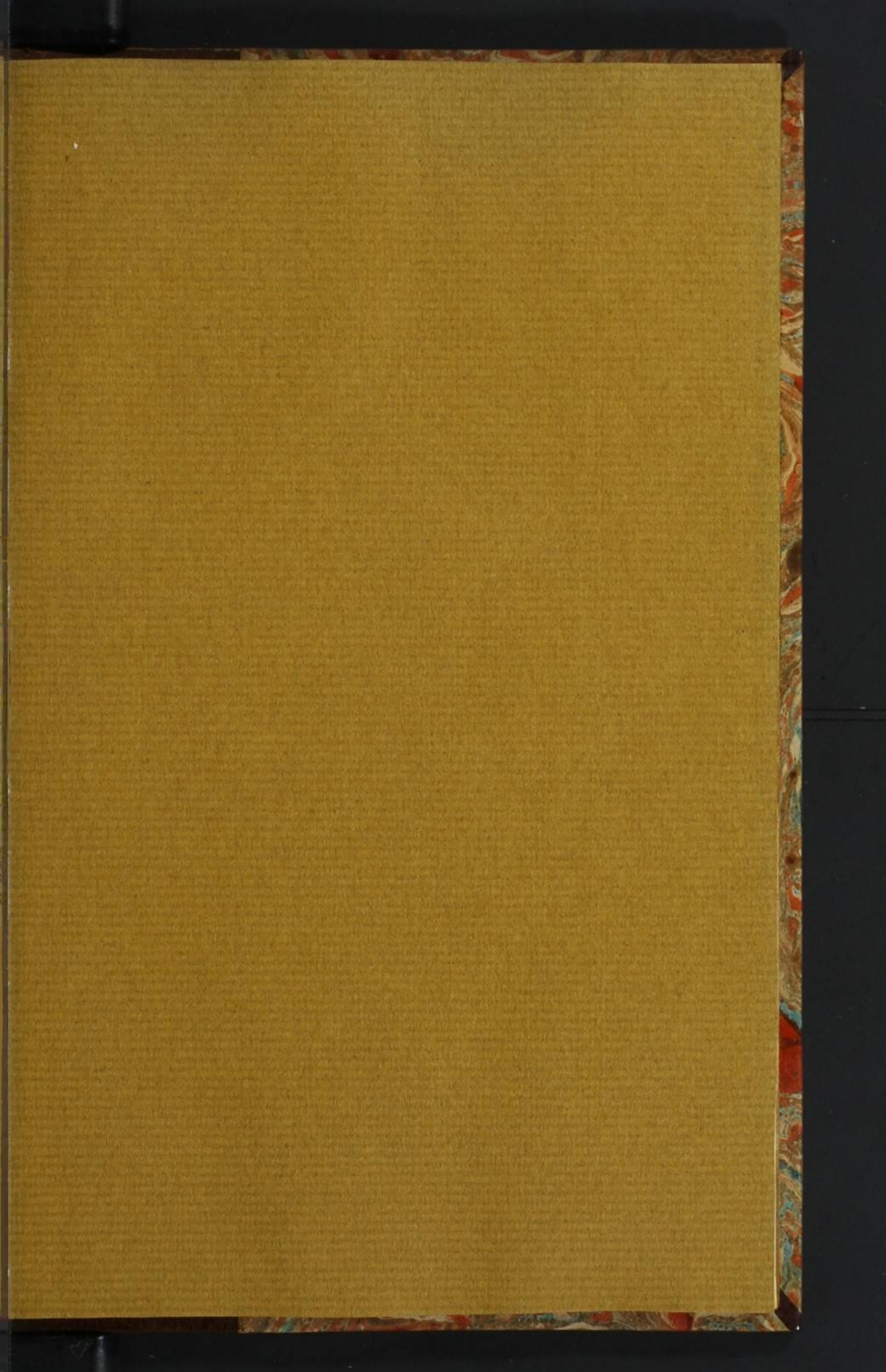


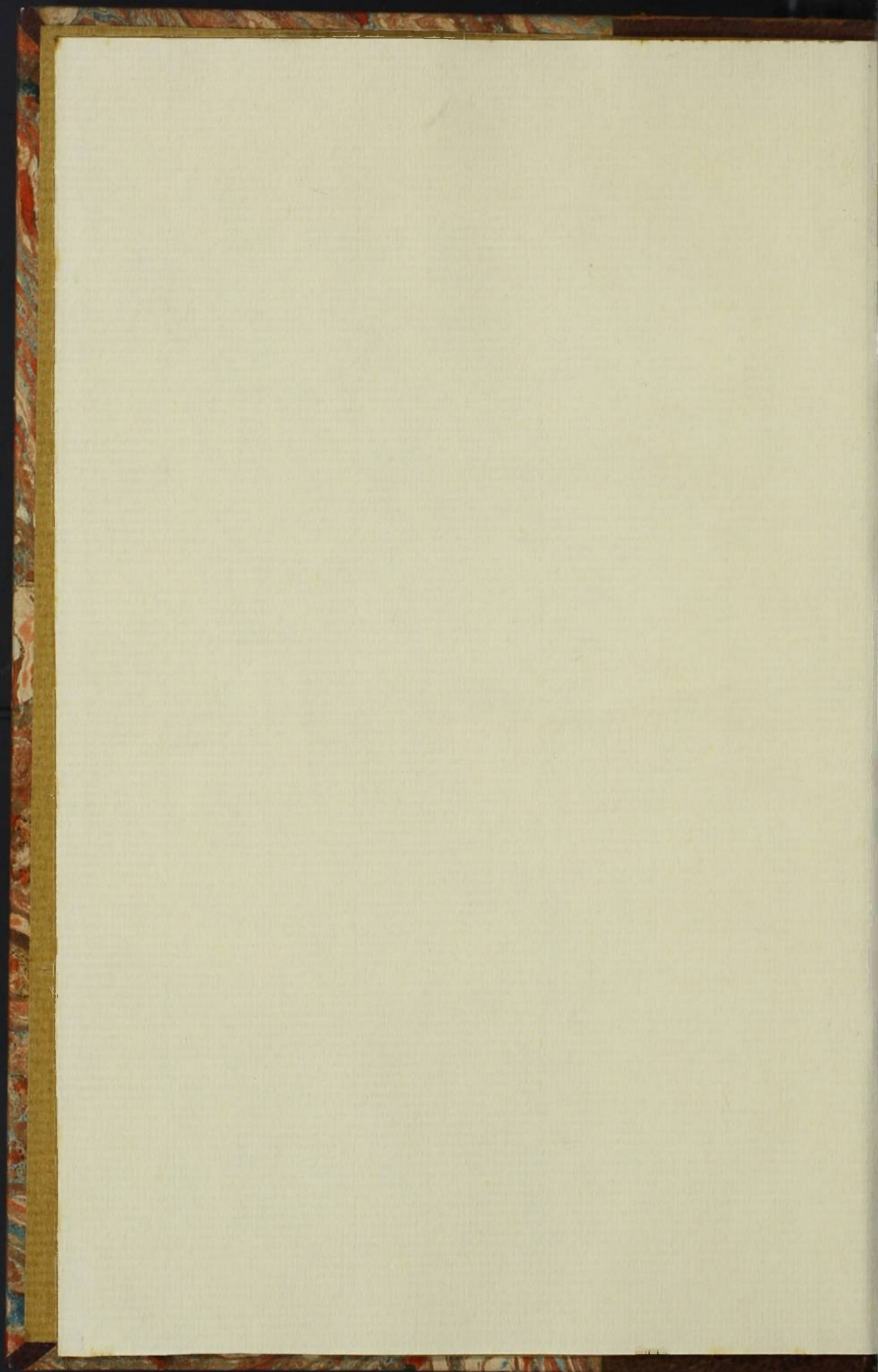
le ne fay rien
sans

Gayeté

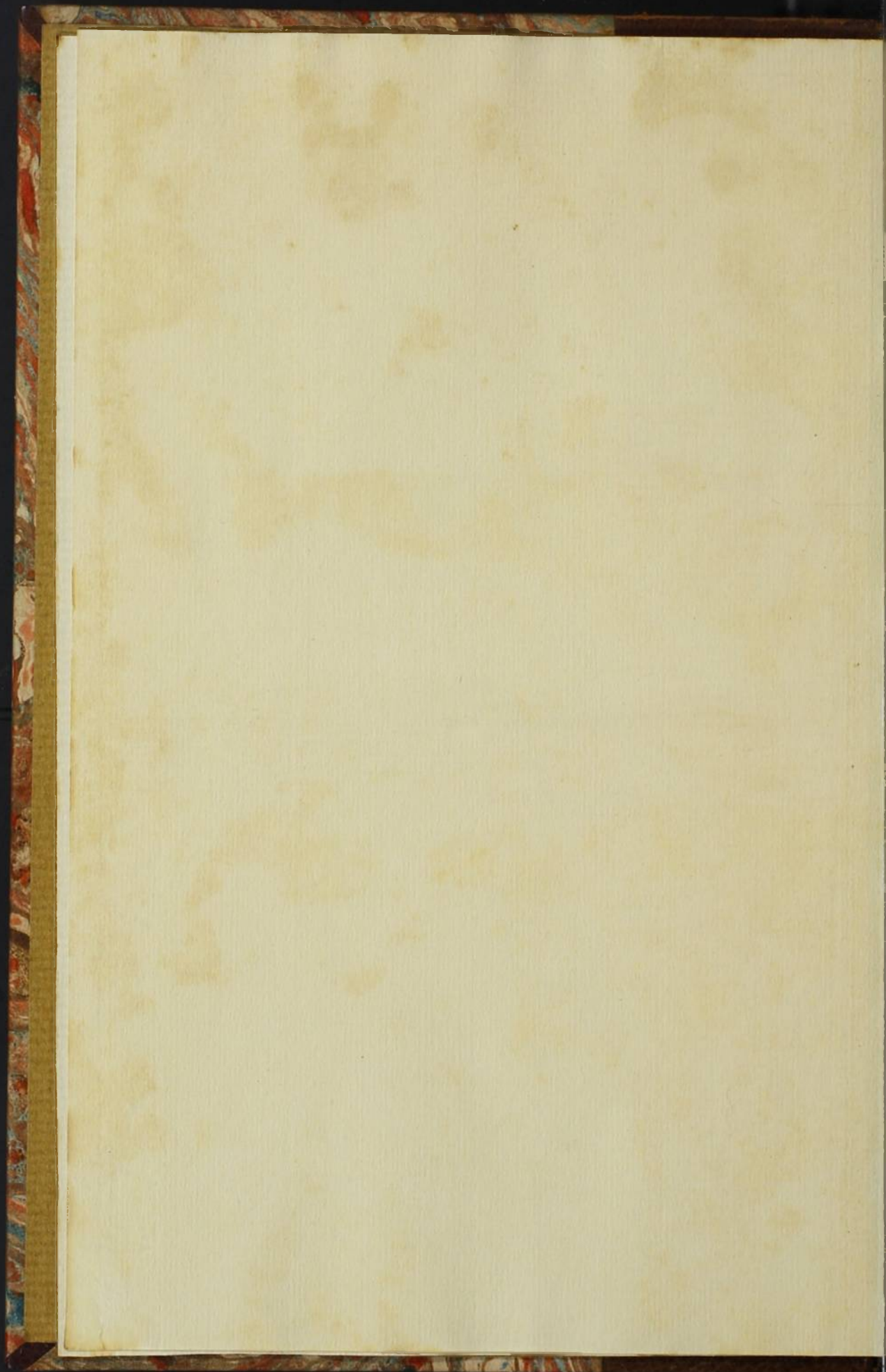
(Montaigne, Des livres)

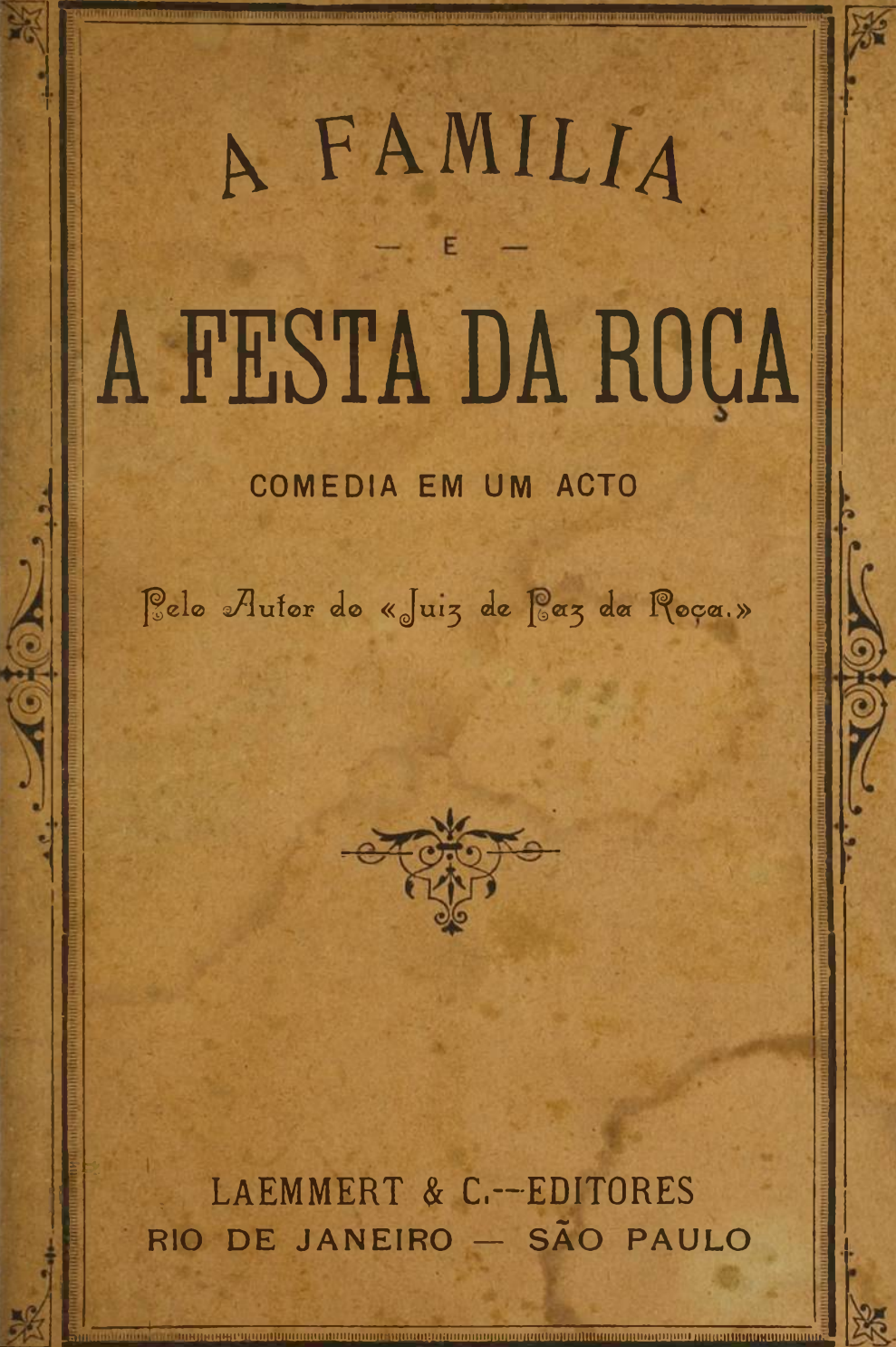
Ex Libris
José Mindlin





C 16
427





A FAMILIA

— E —

A FESTA DA ROÇA

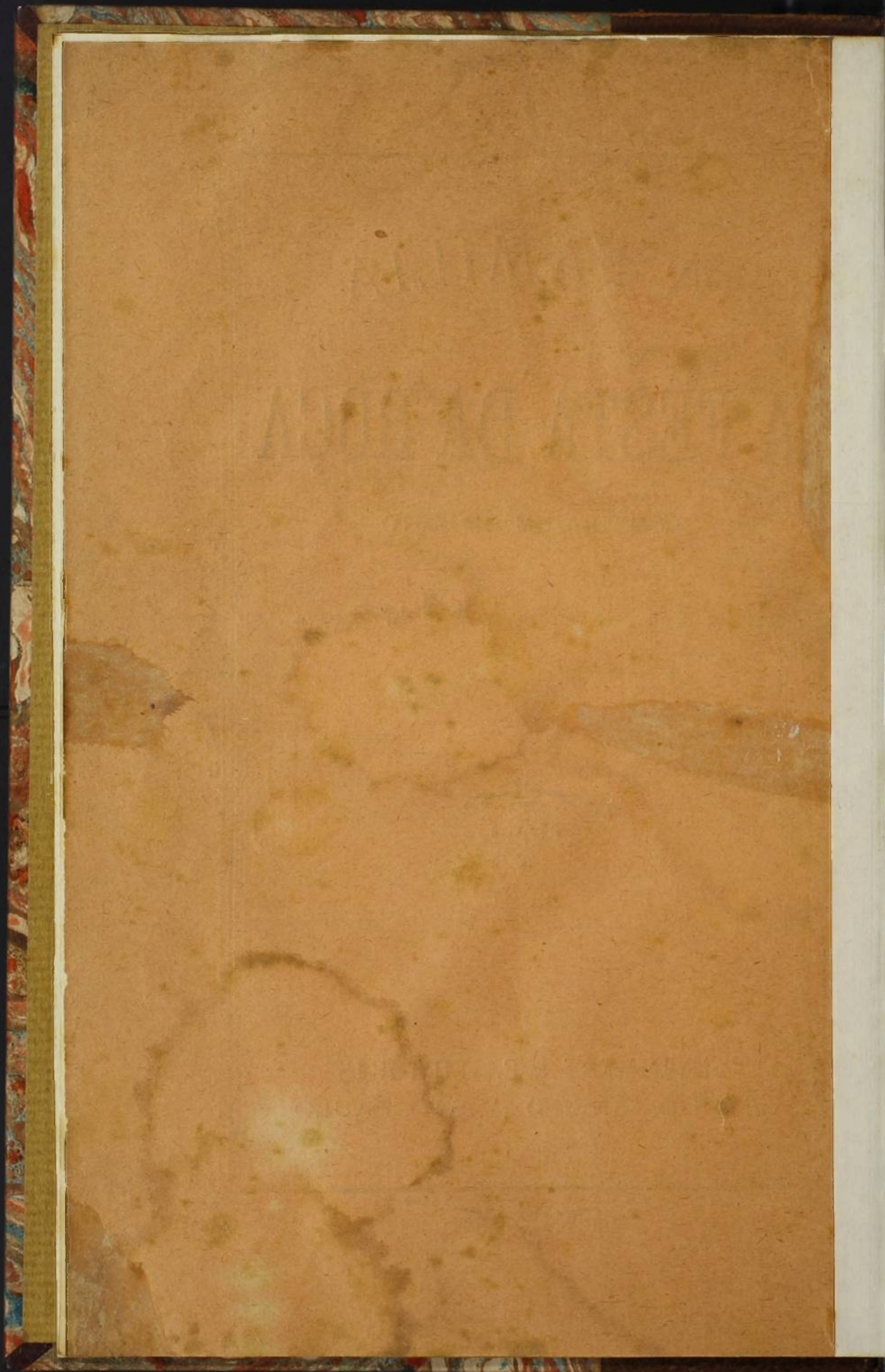
COMEDIA EM UM ACTO

Pelo Autor do «Juiz de Paz da Roça.»



LAEMMERT & C.--EDITORES
RIO DE JANEIRO — SÃO PAULO





A FAMILIA

E

A FESTA DA ROÇA

COMEDIA EM UM ACTO

PELO AUTOR DO « JUIZ DE PAZ DA ROÇA. »



RIO DE JANEIRO

PUBLICADA E A' VENDA EM CASA DE
EDUARDO & HENRIQUE LAEMMERT

Rua da Quitanda, 77

1853

PERSONAGENS.

DOMINGOS JOÃO, fazendeiro.

JOANNA DA CONCEIÇÃO, sua mulher.

QUITERIA, sua filha.

JUCA, estudante de medicina.

ANTONIO DO PÃO D'ALHO.

ANGELICA, curandeira.

IGNACINHO, filho de Domingos João.

PEREIRA.

SILVA.

CAPITÃO MÓR.

FILHA DO CAPITÃO MÓR.

UM PREGOEIRO DE LEILÃO.

IMPERADOR DO ESPIRITO SANTO (personagem muda).

LAVRADORES, &c.

A scena se passa na roça.



A FAMILIA

E A FESTA DA ROÇA

COMEDIA

PELO AUTOR DO « JUIZ DE PAZ DA ROÇA. »

ACTO UNICO.

SCENA I.

O theatro representa uma sala de uma casa da roça mesquinha-mente mobiliada, com mesa e cadeiras de páo. Domingos João, sentado á mesa, estará vestido de calças de riscado e japonsa de baetão azul.

DOMINGOS JOÃO.

Muito mal vamos nós neste anno! As enchentes tem apodrecido as cannas: o café tem morrido no pé e seccado: o arroz, nisso não fallemos! está tudo alagado, entende o senhor? Não bastava para afflicção de um pobre fazendeiro as enchentes, seccas e o mais, era tambem preciso que soffresse a falta de pagamentos de seus foreiros. Os diabos os levem juntos com as suas choradeiras. Não

pagão o fôro dous, tres annos, e no fim das contas safa-se com um filhinho que é mesmo uma lesma, e a senhora que seja madrinha! Não se dá maior desaforo! Minha comadre para cá, minha comadre para lá, seu afilhado para aqui, seu afilhado para acolá, e com estas e outras choromingadeiras entremeiadas com um ovo ou uma banana que trazem de presente, pagão-nos, e faça Deos bom tempo. Isto não vai bom, entende o senhor? Pretendo amanhã botar o café para baixo; porém o diabo das estradas estão mesmo como a cara de quem as fez. Na verdade ha gente muito tola! Se agora temos estradas más sendo ellas de terra, quanto mais sendo ellas de vapor! Ora não se dá maior asneira; estrada de vapor! e dizem que tambem ha carros! Os homens perdêrão o juizo. Por isso é que ha tantas rusgas. (*Leranta-se.*) Meio dia não tarda, e é tempo de chamar a gente do eito, pois os sóes de agora são do diabo! Mais vale trabalhar pouco e são, que nada e doente. Vamos dar meio dia. (*Chega-se para uma janella, na qual estará pendurado no meio um sino, e dá doze badaladas.*) Bom! Veremos o que se fez hoje.... Já me vai faltando gente. É preciso ir um destes dias á cidade para ver se posso comprar alguns meias caras. O máo é estarem elles tão caros. Não importa, o que não tem remedio, remediado está, entende o senhor?

SCENA II.

JOANNA DA CONCEIÇÃO E O MESMO.

JOANNA, *entrando*.

Não se dá maior desaforo! não se dá maior desaforo.

DOMINGOS JOÃO.

O que tem, senhora?

JOANNA.

Pois não é assim, Sr. Domingos João, pois não é assim!

DOMINGOS JOÃO.

Assim o que, Sra. Joanna?

JOANNA.

Olhe! hontem botei duas gallinhas no chôco, e hoje todos os ovos quebrados!

DOMINGOS JOÃO.

E quem os quebrou?

JOANNA.

Quem havia de ser senão o demoninho do moleque?

DOMINGOS JOÃO.

Pois dê-lhe uma surra, entende a senhora?

JOANNA.

Isto já eu fiz.

DOMINGOS JOÃO.

Pois então não grite tanto.... Escute. As saccas que dei para fazer estão todas promptas?

JOANNA.

Só faltão dez.

DOMINGOS JOÃO.

Pois aprompte todas, que amanhã boto café p'ra baixo, entende a senhora ?

JOANNA.

Quiteria os está acabando.

DOMINGOS JOÃO.

Bom... Já que estamos sós, quero-lhe dizer uma cousa. Não lhe parece que a Quiteria depois que passou dous dias em S. João de Itaborahy está tão cheia de flatos e me-deixes?

JOANNA.

Assim é, Sr. Domingos.

DOMINGOS JOÃO.

Já me vai aborrecendo tantos mômos. Quando o Antonio do Páo d'Alho voltar do destacamento hei de concluir o casamento que ha muito tempo desejo fazer.

JOANNA.

Ora Sr. Domingos João, deixe-se disso ! Pois Quiteria ha de se casar com um homem tão feio?

DOMINGOS JOÃO.

Feio ou não feio, tem um sitio com seis escri-

vos, e é muito trabalhador; assim este casamento se ha de fazer, entende a senhora?

JOANNA.

Entendo; porém....

DOMINGOS JOÃO.

Qual porém, nem meio porém; nesta casa, graças a Deos, sou eu senhor, entende a senhora? Irra! ninguém me dá leis, aqui sou senhor absoluto!

JOANNA.

Não estou fóra disto.... Mas olhe, se nossa filha fosse uma menina....

DOMINGOS JOÃO *interrompendo-a.*

Chiton! Ella ahi vem, e um pai não deve dar confianças á filha.

SCENA III.

QUITERIA E OS MESMOS.

Entra Quiteria vestida da maneira seguinte: vestido de riscadinho muito comprido e mangas muito justas até os cotovelos, penteado em cima da cabeça e alto bastante, cachos á ingleza desproporcionadamente compridos.

QUITERIA.

Minha mãe, o panno não chegou para acabar as saccas. O que Vm. deixou, só deu para oito.

DOMINGOS JOÃO.

O que falta nas saccas tem a menina no vestido.

QUITERIA *com temor.*

Mas, meu pai, isto é moda na côrte.

DOMINGOS JOÃO.

Modas.... modas.... não quero modas em minha casa... E estes cabellos que parecem linguças, também é da moda?

QUITERIA.

São, sim senhor. Quando estive em S. João de Itaborahy vi duas moças assim.

DOMINGOS JOÃO.

Viste bem! o culpado fui eu em te deixar lá ir.

JOANNA.

Deixe ella, Sr. Domingos João, bem vê que é menina.

DOMINGOS JOÃO.

Vejamos se esta trata de suas obrigações. (*Para Quiteria.*) A negra que está doente já tomou o purgante?

QUITERIA.

Já, sim senhor.

DOMINGOS JOÃO.

Os peruzinhos já comêrão ovo?

QUITERIA.

Duas vezes.

DOMINGOS JOÃO.

Assim é que eu gosto de uma rapariga. Vá assim que vai muito bem, e terá casa. Uma menina eco-

noma com um marido como o que eu te quero dar hão de fazer fortuna.

QUITERIA.

Pois meu pai quer-me casar?

DOMINGOS JOÃO.

Que lhe importa?

JOANNA.

Está bom, não precisa zangar-se tanto. Sim, minha filha, teu pai quer te casar com o Antonio do Pão d'Alho, que está agora destacado na côrte. Emfim, quando elle vier trataremos disto com mais vagar.

QUITERIA.

Ora esta, meu Deos!

DOMINGOS JOÃO.

Heim?... replicas....

SCENA IV.

IGNACINHO E OS MESMOS.

Entra Ignacinho vestido da seguinte maneira: calça de ganga azul arregaçada até o joelho em uma das pernas, jaqueta encarnada, chapéo de palha, tamancos e um grande chiquerá ou chicote com cabo de pão.

IGNACINHO.

A benção, meu pai.

DOMINGOS JOÃO.

Adeos, Ignacinho.

IGNACINHO.

A benção , minha mãe.

JOANNA.

Benção te cubra.

IGNACINHO.

Toma , Quiteria , estas duas goiabas que apanhei no caminho. (*Dá duas goiabas.*)

QUITERIA.

Muito obrigada. A pomba rola não cahio no laço ?

IGNACINHO.

Não.

DOMINGOS JOÃO.

Dize , rapaz , o que se fez hoje ?

IGNACINHO.

Os dous carros de canna ficárão plantados , e tambem se colheu dez arrobas de café.

DOMINGOS JOÃO.

Bom.

IGNACINHO.

O peor foi morder uma cobra a Maria.

OS TRES.

Uma cobra !

IGNACINHO.

Porém não foi nada ; botou-se logo remedio , e a cobra não era das mais venenosas.

QUITERIA.

Coitada da Maria !

JOANNA.

Que susto me metteste !

DOMINGOS JOÃO.

E onde mordeu a cobra ?

IGNACINHO *mostrando*.

Aqui mesmo no peito do pé. Estava ella apanhando café, e quando mal se precatava a cobra fez nhaco!...

JOANNA.

Para onde foi a negra Maria ?

IGNACINHO.

Mandei que fosse para a sua sanzalla.

DOMINGOS JOÃO.

Fizeste bem.... Já sabes que amanhã bota-se café para baixo ?

IGNACINHO.

Amanhã !

DOMINGOS JOÃO.

Amanhã sim. Manda apanhar os burros no cercado para amanhã não custar tanto a sahir.

JOANNA.

Quantos burros vão ?

IGNACINHO.

É verdade....

DOMINGOS JOÃO.

Bastão dez ; temos pouco café.... Anda , vai dar ordem.

IGNACINHO *chega á porta e grita fortemente para dentro.*

O' José! ó José!

DENTRO AO LONGE.

Senhor !

IGNACINHO *ao mesmo.*

Vai ao cercado , apanha dez burros e fecha-os na estribaria.

DENTRO.

Sim , senhor.

DOMINGOS JOÃO *para Ignacinho.*

Agora vai descansar um pouco , entende o senhor?

IGNACINHO.

Senhor sim. (*Sahe Ignacinho.*)

DOMINGOS JOÃO *para Quiteria.*

Menina, aprompte a roupa para o seu irmão levar, entende a senhora?

QUITERIA.

Sim , meu pai.

JOANNA.

Quantos dias vai elle lá ficar para saber-se que roupa é precisa?

DOMINGOS JOÃO.

Poucos dias. Assim é bastante uma camisa, uma calça e uma ceroula.

JOANNA.

Já ouviste, Quiteria?

QUITERIA.

Já, minha mãe; quer que vá já?

JOANNA.

Logo mais.

DOMINGOS JOÃO.

Desta vez serei mais feliz na minha venda que da outra. Tomára eu que o Ignacinho não trouxesse de lá dinheiro de papel. Não ha nada de que eu tenha mais raiva. Está um homem trabalhando, vem um aguaceiro, e está tudo perdido. E eu, senhora, que nunca pude entender esta historia de cambio. Uma hora é cinco por cento, outra hora dez, agora o papel vale mais, logo vale menos, enfim é uma cousa que elles lá sabem.

QUITERIA *muito esperitada.*

Eu sei, meu pai.

DOMINGOS JOÃO.

Tu!.... Então o que é?

QUITERIA.

Quando eu estive em S. João de Itaborahy ouvi dizer que o papel-moeda era o mesmo que republica.

DOMINGOS JOÃO.

Cala a bocca, tola!... Senhora, não se esqueça de lembrar amanhã ao Ignacinho que traga verdete e jalapa da cidade, pois a que tínhamos já acabou-se, e agora se precisa para os doentes.

Entra Juca com calças pretas, fraque branco, bonet, uma espingarda no hombro, polvorinho e chumbeiro.

JUCA *entrando*.

Bons dias, minhas senhoras.

DOMINGOS JOÃO E JOANNA.

Quem é.... Ah! é o Sr. Juca.

JUCA.

Elle mesmo.

JOANNA.

Quando chegou?

JUCA.

Hontem.

DOMINGOS JOÃO.

Seu pai está bom?

JUCA.

Achei-o com saude.

DOMINGOS JOÃO.

Sim, que ainda hontem estive com elle.

QUITERIA.

Sr. Juca veio ficar muito tempo cá?

DOMINGOS JOÃO *para Quiteria*.

Que te importa?

JUCA *para Quiteria.*

Vim passar as ferias do Espirito Santo.

DOMINGOS JOÃO.

Então como vamos de estudos?

JUCA.

Bem. Já estou no segundo anno de medicina.

JOANNA.

Então já é doutor?

JUCA.

Um pouco, um pouco....

DOMINGOS JOÃO.

Não era porém melhor que em vez de ir estudar ficasse cá ajudando seu pai?

JUCA.

Isso ao depois; o tempo não se acaba.

DOMINGOS JOÃO.

É verdade, mas se....

JOANNA *interrompendo-o.*

Diga-me, Sr. doutor, quando é que volta de uma vez para cá?

JUCA.

Não é tão cedo, Sra. D. Joanna.

DOMINGOS JOÃO.

Anda caçando; mas tome sentido como anda no mato; armas de fogo não são p'ra brinquedos.

QUITERIA.

Minha mãe, pergunte ao Sr. Juca se não está suado, e se quer tomar alguma coisa.

JOANNA.

O senhor quer um copo de licôr?

JUCA.

Se fizer o favor....

JOANNA.

Quiteria, vai buscar uma garrafa de licôr que veio o anno passado da cidade.

QUITERIA.

Eu vou. (*Sahe.*)

DOMINGOS JOÃO.

Sr. Juca, é preciso acabar os seus estudos quanto antes, e vir ajudar a seu pai, que já está velho... Boa occasião de saber eu uma coisa, já que o senhor é doutor.

JUCA.

Diga o que é, Sr. Domingos João.

DOMINGOS JOÃO.

Escute. O anno passado comprei um sitio a José Pinote por quatro doblas, p'ra pagar duas doblas no fim de seis mezes, e duas no fim de um anno. Ora, quando elle vendeu-me o sitio disse-me que tinha cincoenta braças de testada, e cem de fundo; porém eu mandei medir pelo piloto, e este só achou qua-

renta de testada e oitenta de fundo. Agora quero que me diga, se eu devo, ou não pagar as quatro doblas por inteiro, entende o senhor ?

JUCA.

Mas eu não lhe posso dizer isto, porque não sou formado em leis.

DOMINGOS JOÃO.

Pois o senhor não é doutor?

JUCA.

Sim ; porém eu estudo medicina para curar os doentes, e não para ser letrado.

DOMINGOS JOÃO.

Então não é doutor, é licenciado... Ora, que doutor que não sabe dar um conselho !

JOANNA.

Mas, Sr. Juca, a Angelica sabe curar muito, e nunca foi estudar.

JUCA.

A Angelica é uma embusteira.

JOANNA.

Embusteira, não senhor, que ainda hontem benzeu o filho da Senhorinha de quebranto, e n'um instante ficou bom.

JUCA.

Pois crê tambem em quebranto ?

JOANNA.

Então !

QUITERIA, *entrando.*

Minha mãe, não acho o licôr.

JOANNA.

Essa é boa! pois onde o procuraste?

QUITERIA.

Na despensa e no armario grande.

JOANNA.

Não viste direito!

JUCA.

Deixe estar, Sra. D. Joanna, não se incommode.

QUITERIA.

Procurei bem. Na despensa não achei uma só garrafa, e no armario só estão duas com aguardente de canna, e uma já pelo meio,

JOANNA.

Eu vou contigo, e hei de achar.

JUCA.

Não se incommode.

DOMINGOS JOÃO, *para Juca.*

Não faça cerimonia, entende o senhor? Vai, mulher.

JOANNA *para Juca.*

Com sua licença. (*Sahem Joanna e Quiteria.*)

DOMINGOS JOÃO.

Como vai aquillo lá por baixo? O café tem subido de preço, ou não? E os assucares como vão?

JUCA.

Creio que bem.

DOMINGOS JOÃO.

Crê! esta não é má! pois que faz o senhor?

JUCA.

Estudo.

DOMINGOS JOÃO.

Bom estudo, que nem ao menos sabe a principal cousa que é o preço do café. Oh! lembro-me de uma cousa agora por fallar em café... Faça o favor de esperar aqui alguns instantes, enquanto eu vou lá dentro dar algumas ordens á tropa que desce amanhã. Não faça cerimonia, póde estar a seu gosto; sem mais. (*Sahe.*)

SCENA V.

JUCA só, *sentando-se.*

Estou emfim na roça. Muito gosto eu disto depois de estar quatro ou cinco mezes na cidade; e como não hei de gostar se é aqui que vive Quiteria... Mas que diabo tinha ella na cabeça, que não estava tão bonita como nos outros dias?... Ah! agora me lembro, erão as marrafas compridas e o penteado alto!... Póde-se ver estas meninas cá da roça; em pilhando uma modazinha, vão, vão, vão até darem no ridiculo. D'um vestido comprido são capazes de fazerem um de cauda, e d'um penteado

alto um andor. Comtudo Quiteria é bem galante! Na cidade vi muita gente bonita, porém nenhuma me agradou tanto como ella; e de mais ella ama-me com sinceridade: pois só ama a minha pessoa, e não o meu dinheiro. Na cidade! isso se fia mais fino! Ha meninorias finas como lãa de kagado! Muitos agrados, carinhos, cartas cheias de ditinhos amorosos, e tão eloquentes que farião inveja ao maior litterato; citações de M.^{me} de Genlis, M.^{me} de Staël, de Lamartine; porém amor verdadeiro! por um oculo. Principia um pobre rapaz a amar uma moça, e o que faz ella? indaga se é empregado, quanto tem de ordenado, quanto de herança, e sendo cousa que faça conta, ahi a temos, terna, carinhosa, chorosa, flatulenta; emfim, tudo quanto lhe vem á cabeça põe em pratica sómente para mais nos prender; porém se sabem que temos só por fortuna um coração amante e sincero, e quanto baste para viverem duas pessoas honestamente, mas sem luxo, adeos minhas encomendas, leva tudo o diabo! Batem com as janellas na cara, voltão as costas, não respondem quando se lhes falla; e porque tudo isto? Porque o pobre coitado não tem dinheiro bastante para depois de casado leva-la ao baile do Cassino, da Campestre, ao theatro, ás partidas, e cada vez com um vestido novo, porque é feio, e fica mal andar duas vezes com o mesmo vestido. Nada, não me pilhão! Eu quero casar-me com uma moça que comprehenda o meu

coração, que me ame por mim mesmo, e que faça a minha felicidade. Já achei o que procurava, e se pudesse verificar o meu intento, ah ! eu seria feliz, e continuaria com mais vontade os meus estudos.

SCENA VI.

Entra Joanna com um prato branco e um copo dentro, e Quiteria com uma garrafa.

JOANNA.

Sr. Juca, queira perdoar se me demorei tanto.

JUCA, *levantando-se*.

Esta é boa, minha senhora!

JOANNA.

Tome um calizinho deste licôr... Quiteria, despeja.

Quiteria deita licôr no copo, e Joanna offerece a Juca; este bebe, agradece, e Joanna e Quiteria fazem uma mesura, e poem garrafa e copo sobre a mesa.

JOANNA.

Talvez não achasse bom?

JUCA.

Pelo contrario, estava excellente.

JOANNA, *olhando á roda*.

Onde está meu homem?

JUCA.

Foi para dentro dar algumas ordens, segundo disse, a respeito da tropa d'amanhã.

JOANNA.

Ah! já sei. Quiteria, fica fazendo companhia ao senhor enquanto eu volto, que tenho que fallar com teu pai. (*Sahe.*)

SCENA VII.

JUCA *pegando na mão de Quiteria.*

Emfim, Quiteria, estamos sós, e posso perguntar-te como passaste, e se tiveste saudades minhas.

QUITERIA *com vergonha.*

Eu passei bem; saudades tive muitas.

JUCA.

Meu amor!

QUITERIA *ao mesmo.*

Depois que vossê foi para a cidade no fim das férias, eu já estive em S. João de Itaborahy dous dias. Depois voltei; e tenho sempre pensado em vossê, e o esperava com alegria; porém hoje já não tenho prazer. (*Chora.*)

JUCA.

Choras! que tens?

QUITERIA.

Meu pai disse que está á espera do Antonio do Pão d'Alho para casar comigo.

JUCA.

Que !.. casar contigo aquelle urso?

QUITERIA.

Meu pai assim o quer.

JUCA.

Veremos! Era o que faltava! Casares-te com um animal daquelles, que ainda ha oito dias vi de sentinella na porta do quartel do Campo de Santa Anna, que parecia mesmo um kagado.

QUITERIA.

Mas que havemos de fazer?

JUCA *depois de pensar um momento.*

Ouve! Quando chegar o teu pretendido noivo, e fallarem em casamento, finge-te doente, desmaia, treme, enfim faze-te de doente como uma mulher é capaz de fazer quando quer, e deixa o mais por minha conta.

QUITERIA.

O que queres fazer?

JUCA.

Já te disse que deixes tudo por minha conta. Olha: ficas doente; naturalmente mandão-me chamar, e então arranjarei tudo... Oh! que ia esquecendo! Toma sentido no que te vou dizer.

QUITERIA.

Diga.

JUCA.

Quando estiveres doente, e eu te der um copo d'agua com assucar vai ficando melhor: porém logo que eu coçar a cabeça torna a desmaiar. Entendes?

QUITERIA.

Entendo, sim, e depois?

JUCA.

E depois! eu te direi... mas chega tua mãe, e é preciso occultarmos o plano.

SCENA VIII.

OS MESMOS, DOMINGOS JOÃO, JOANNA, E IGNACINHO.

DOMINGOS JOÃO *entrando*.

Tomaste bem sentido no que te disse?

IGNACINHO.

Senhor sim.

JUCA *para Domingos João*.

Com sua licença, Sr. Domingos João, até amanhã.

JOANNA.

Pois já?

JUCA.

É tarde, minha senhora, e meu pai espera-me para jantar.

DOMINGOS JOÃO.

Quando quizer esta casa está ás suas ordens.

JUCA.

Obrigado... Com sua licença. (*Salte.*)

DOMINGOS JOÃO *para Ignacinho*.

Quando chegares á cidade, vai á casa do nosso

correspondente, para que te dê o dinheiro nosso que lá tem; porque é moda agora quebrarem os negociantes, assim sem mais nem menos... Quem lhes quebrára os ossos com um pão!

IGNACINHO.

Vosmercê quer que traga todo?

DOMINGOS JOÃO.

Sim todo; entende o senhor?

JOANNA.

Não te esqueças do que te encommendei.

SCENA IX.

Antonio do Pão d'Alho entra vestido da seguinte maneira: farda de guarda nacional, barretina, calça branca, espingarda no hombro, na qual virá pendurado um par de botins, e uma trouxa de roupa amarrada em um lenço azul. Todo o seu vestuario estará muito sujo, e elle virá descalço.

ANTONIO *entrando*.

Deos esteja nesta casa!

DOMINGOS JOÃO E JOANNA.

Oh! seja muito bemvindo!

QUITERIA *á parte*.

Meu Deos!

ANTONIO.

Viva Senhá Dona; Senhá Doninha, viva.

DOMINGOS JOÃO.

Já o não esperava mais.

ANTONIO.

Deixe-me, estou muito zangado, o senhor entende?

JOANNA.

Póde-se assentar, descanse um pouco.

Antonio assenta-se depois de pôr sobre a mesa as botas, a trouxa de roupa, e a espingarda.

ANTONIO.

Com sua licença.

DOMINGOS JOÃO.

Conte-nos alguma cousa? como vai aquillo por lá? Vai bem, ou ainda ha rugas?

Emquanto Domingos João assim falla, grupão-se todos á roda de Antonio.

ANTONIO.

Vai bem, e não vai bem.

JOANNA.

Não lhe entendo.

ANTONIO.

Escute a senhora... Vai bem porque a cidade está muito adiantada... Eu estive quatro mezes destacado, e posso dizer alguma cousa, porque quando não estava de guarda passeava. Vá vendo quantas cousas boas. Lá já se não tem dôr d'olhos.

DOMINGOS JOÃO.

Então porque?

ANTONIO.

Ha um homem que veio da Mourama que cega a qualquer com a maior facilidade do mundo, e cura assim a dôr d'olhos.

JOANNA.

Boa admiração. Isto qualquer faz.

ANTONIO.

Nisso é que se engana; porque este cega, e ainda emcima quer dinheiro.

DOMINGOS JOÃO.

Isto é velhacada!

ANTONIO.

Dizem alguns; porém outros não, só porque o sujeito é das outras terras. Supponha que o senhor não vê muito bem; chega-se elle com um ferro, zist! (*faz o accionado*) e fica logo cego, e se queixar-se, lhe diz logo que a doença d'olhos estava tão adiantada que se o não tivesse cegado ficava cego em pouco tempo; e depois não pague se é capaz.

DOMINGOS JOÃO.

E consentem semelhante homem?

ANTONIO.

Elle foi mais esperto, que se safou sem dizer nada a ninguem, e o peor foi deixar um sujeito na rabiosca... E um outro que corta a cabeça!

DOMINGOS JOÃO.

O' homem, isto é o diabo.

JOANNA.

Porque não prendem este homem?

ANTONIO.

Ahi é que está a habilidade do dito ; porque tão de pressa corta a cabeça, como a concerta outra vez.

JOANNA.

Como é isto?

ANTONIO.

Como? Veja. Ha um theatro aonde vai este homem, que é muito bonito, porque tem umas mesas bordadas de prata, luzes amarellas, vermelhas e de todas as côres. Chega elle, como ia dizendo, a este theatro ; chama um homem, este vai para onde elle está, e trepando emcima de uma mesa, fica assim (*ajoelha-se*). E depois o mata-gente levantando a espada corta-lhe a cabeça, e o homem cahe assim (*deita-se de bruços*). Faça agora de conta que eu não tenho cabeça, e que ella anda na mão do sujeitinho para ser mostrada a quem quer ver ; pois é o que acontece.

JOANNA E QUITERIA.

Oh!

DOMINGOS JOÃO.

Uhê!!...

ANTONIO *sempre deitado*.

Escutem o melhor. Depois d'elle ter mostrado a cabeça, bota-a outra vez nos hombros do homem,

e sacudindo assim (*sacode a cabeça com ambas as mãos*), torna a gruda-la, e o homem levanta-se meio espantado (*faz o que diz*).

DOMINGOS JOÃO.

Isto é um milagre! Porque não mandão este homem para o Rio Grande p'ra dar vida aos soldados que lá morrerem, p'ra não se recrutar tanto?

ANTONIO.

Não sei, porque são cousas em que não me metto. Se quizessem mandar esta qualidade de gente para o Rio Grande, havia muito que mandar. Por exemplo, ha tambem lá um outro que tem força como um boi, e que levanta um varão de ferro que pesa quarenta arrobas, assim como eu levanto esta espingarda. (*Pega na espingarda e levanta-a acima da cabeça.*) Não acha tambem que este estava bom?

DOMINGOS JOÃO.

Muito bom, e melhor ainda para pegar no cabo de um machado.

Emquanto assim fallão entra um moleque de cinco para seis annos vestido com uma camisola de baeta azul, que lhe chega até aos pés: o qual se vem approximando de vagarzinho, e ficando mais atrás dos outros, principia a escutar com muita attenção o que se diz.

JOANNA.

Ha cousas na cidade que espantão.

QUITERJA.

E ha muitas modas novas?

ANTONIO.

Modas! não faltarão enquanto houverem lojas de Francezas, e tolos.

DOMINGOS JOÃO.

Tem razão, tem razão, isto é uma ladroeira.

JOANNA.

Muitas festas por lá, não é assim?

ANTONIO.

Muitas.

DOMINGOS JOÃO *olha para trás, vê o moleque e grita.*

Salta p'ra dentro, bregeiro!!... (*O moleque sahe correndo.*) Estes moleques acostumão-se com os brancos, e depois ficão desavergonhados. Ora diga-me, Sr. Antonio, como vão os meias caras?

ANTONIO.

Iiii!.. iiii!.. que bulha! que bulha!!

DOMINGOS JOÃO.

Então porque?!

ANTONIO.

Hum!!!...

DOMINGOS JOÃO.

E como vai o Rio Grande?

ANTONIO.

Muito bem, porque já está bloqueado por mar e por terra.

DOMINGOS JOÃO.

Bloqueado ! não lhe entendo.

ANTONIO.

A fallar-lhe a verdade, tambem eu não entendo ;
porém como dizem que vai bem, tambem o digo.
Elles lá se entendem.

JOANNA.

Muito nos conta o senhor.

ANTONIO.

Isto ainda não é nada á vista do que tenho a
contar. Com mais vagar, com mais vagar conver-
saremos.

DOMINGOS JOÃO.

Já o esperava com impaciencia para tratarmos
daquelle negocio ; entende-me ?

ANTONIO.

Sim, senhor ; falla da Sra. Doninha : penso.

DOMINGOS JOÃO.

Justo... Como a acha ?

ANTONIO.

Cada vez mais bonita (*para Quiteria*). Eu lhe
trouxe uma tetéia. (*Chega-se para ella, tira da pa-
trona um annel de ouro, e lh'o dá.*) É um annel
de ouro que eu lhe trago.

QUITERIA *tomando-o meia envergonhada.*

Muito agradecida.

ANTONIO.

Só tenho uma pena..... (*hesita*).

JOANNA.

Então qual é, Sr. Antonio? diga.

ANTONIO.

É que este anel não seja de velludo, p'ra não machucar os dedos de Sra. Doninha.

DOMINGOS JOÃO.

Bravo! Aproveitou o seu tempo na cidade.

ANTONIO.

Pois então que pensava? Aonde me vê, fui muitas vezes ao baile dos estrangeiros.

JOANNA E QUITERIA.

Que! ao baile!!

ANTONIO.

Sim, mas ficava sempre da parte de fóra escutando a musica.... Oh! esqueceu-me dizer que ha agora um novo instrumento.

DOMINGOS JOÃO.

Qual é elle?

ANTONIO.

Chama-se corneta a pistola.

QUITERIA.

Que nome!

JOANNA.

Então a corneta a pistola dá tiro?

ANTONIO.

Qual tiro! Faz assim. (*Bota a mão á bocca, e arremeda do melhor modo possível o cornet-à-piston.*)

TODOS.

Bravo! Bravo!

DOMINGOS JOÃO.

Vamos ao que serve. Como tínhamos tratado ha muito tempo, minha filha ha de ser sua mulher.

QUITERIA *botando as mãos na cabeça.*

Ai! ai!...

JOANNA *espantada.*

Que tens, que tens, minha filha?

QUITERIA.

Ai! eu morro!!

DOMINGOS JOÃO (*chegando-se para ella*).

O que é isto?

ANTONIO.

Senhora Doninha, o que tem?!

IGNACINHO.

Quiteria!

QUITERIA.

Minha mãe! eu morro!... (*Cahe assentada na cadeira.*)

DOMINGOS JOÃO.

Ignacinho, corre, vai á casa da Angelica, e dize-

lhe que venha cá de pressa! (*Sahe Ignacinho correndo.*)

Domingos João e Antonio andão de um lado para outro sem saberem o que fazem, e Joanná estará perto de Quiteria.

JOANNA.

Quiteria!... Quiteria!... o que tens, minha filha!... responde!... O' meu Deos! está desmaia-da... Minha filha morre!... (*Chora.*)

DOMINGOS JOÃO.

O diabo d'Angelica não chega.

ANTONIO.

Senhora Doninha! Senhora Doninha! (*para Joanna.*) Senhora Dona, dê-lhe a cheirar este cartuxo de polvora, talvez faça bem. (*Tira da patrona um cartuxo de polvora, e o dá a Joanna.*)

JOANNA *jogando no chão o cartuxo.*

O Senhor está doudo!... pois minha filha ha de cheirar polvora!...

ANTONIO.

Está bom, não se azangue! a Senhora entende.

JOANNA.

Minha filha morre!... minha filha morre!... Hi! hi! hi! (*Chora fortemente.*)

DOMINGOS JOÃO.

Ora esta! ora esta!

ANTONIO.

Não ha de ser nada, não ha de ser nada.

DOMINGOS JOÃO *chega á porta e grita.*

O' Ignacinho ! O' Ignacinho !

IGNACINHO *ao longe.*

Lá vou!...

DOMINGOS JOÃO *voltando para junto dos outros.*

Já ahí vem a Angelica.

JOANNA.

Diga que venha de pressa !

Domingos João vai andando para a porta, e ao mesmo tempo entra Ignacinho com Angelica, a qual virá vestida da seguinte maneira: saia de lila preta, jaqueta de homem de riscadinho, baeta preta e chinellos.

TODOS.

Entre, entre, Senhora Angelica !

ANGELICA.

Então o que é isto ?

JOANNA.

Deu um ataque em Quiteria e está sem falla.

ANGELICA.

Vamos a ver. (*Chega-se para Quiteria e examina-a.*) Isto não é nada, são flatos.

JOANNA.

Flatos!... Pois flatos fazem perder a falla ?

ANGELICA.

Mas a menina não tem só flatos.

DOMINGOS JOÃO.

Então o que tem?

ANGELICA.

Está com quebranto.

JOANNA.

Lá isto sim.

ANGELICA.

Mande buscar um ramo d'arruda. (*Sahe Ignacinho.*) Não se assustem que não ha de ser nada. Algum máo olhado que botarão na menina. Verão como a curo em um instante.

Entra Ignacinho com um ramo d'arruda na mão, e entrega-o a Angelica. Angelica benze a Quiteria, e enquanto benze estarão os outros muito attentos.

ANGELICA *vendo sem effeito o seu remedio.*

Com effeito o olhado foi máo.

JOANNA.

Minha filha!... (*Chora.*)

IGNACINHO.

Se meu pai quer, eu vou chamar o Senhor Doutor filho do capitão-mór, que chegou hontem da cidade.

DOMINGOS JOÃO.

Sim, vai de pressa, elle não póde estar longe. (*Sahe Ignacinho.*)

ANGELICA.

Quem sabe se a menina não tem o diabo no corpo!

JOANNA.

Jesus, Maria, José! o que diz, Senhora? (*Bem-
zem-se todos.*)

DOMINGOS JOÃO.

Pois minha filha está endemoninhada!

ANGELICA.

Quer me parecer que sim.

ANTONIO.

Que desgraça!

ANGELICA.

Ou talvez mesmo que esteja com a espinhela cahida.

DOMINGOS JOÃO.

Quanta cousa, quebranto, diabo no corpo, espinhela cahida!

Entra Juca correndo, seguido de Ignacinho.

JUCA.

O que ha de novo!

JOANNA.

Senhor Doutor, minha filha está p'ra morrer.

JUCA *chega-se para Quiteria, toma-lhe o pulso
e diz:*

Não é nada, mande vir um copo com agua.
(*Sahe Joanna.*)

JUCA *para Domingos.*

Quando digo que não é nada falto um pouco á verdade, porque sua filha tem uma inflamação de carbonato de potassa.

DOMINGOS JOÃO *muito espantado.*

Inflamação de que?

JUCA.

De carbonato de potassa.

ANTONIO.

E isto é perigoso, Sr. Doutor ?

JUCA.

Muito, não só para ella, como para a pessoa que com ella se casar.

ANTONIO *á parte.*

Mão! (*Entra Joanna com um côpo d'agua.*)

JOANNA.

Aqui está a agua.

Juca toma o côpo d'agua e faz que tira uma cousa d'algibeira e deita dentro do copo.

JUCA.

Este remedio vai cura-la immediatamente. (*Dá a Quiteria, que logo que bebe o primeiro gole abre os olhos.*)

DOMINGOS JOÃO.

Viva o Senhor Licenciado !

QUITERIA *levantando-se.*

Minha mãe !...

JOANNA.

Minha filha, o que tem ?

JUCA.

Esta menina é preciso ter muito cuidado na sua saude, e eu acho que se ella casar com um homem que não entenda de medicina, está muito arriscada a sua vida.

DOMINGOS JOÃO.

Mas isto é o diabo ; já prometti-a ao Senhor.
(*Apontando para Antonio.*)

ANTONIO.

Mas eu...

JUCA.

Arrisca assim a vida de sua filha.

DOMINGOS JOÃO.

Já dei minha palavra. (*Juca coça a cabeça.*)

QUITERIA.

Ai ! ai ! eu morro ! (*Cahe na cadeira.*)

TODOS.

Acuda, acuda Senhor Doutor !

JUCA *chegando-se.*

Agora é outra doença.

DOMINGOS JOÃO.

Então o que é agora ?

JUCA.

É um eclipse.

DOMINGOS JOÃO *admirado.*

Ah ! (*Juca esfrega as mãos e passa-as pela testa de Quiteria.*)

QUITERIA *abrindo os olhos.*

Já estou melhor.

JUCA.

Vê, Senhora D. Joanna, se sua filha não tiver sempre quem trate della, morrerá certamente. Não é assim, Senhora Angelica? (*Quando diz estas ultimas palavras dá ás escondidas a Angelica uma bolsa com dinheiro.*)

ANGELICA.

Senhor Doutor, tem razão, a menina morre.

DOMINGOS JOÃO.

Então o que havemos fazer?

JUCA.

Se eu não estivesse estudando...

JOANNA.

O Senhor Licenciado bem podia...

JUCA.

Se meu pai...

DOMINGOS JOÃO.

Tenho uma boa fazenda e o marido de minha filha fica bem aquinhoadado.

JUCA.

Se o Senhor Domingos quizesse...

DOMINGOS JOÃO.

Explique-se.

JUCA.

Conhecendo as boas qualidades de sua filha, e estimando muito a sua familia me offereço...

JOANNA *com presteza*.

E o consentimento de seu pai?

JUCA.

Esse o terei.

DOMINGOS JOÃO.

Mas a palavra que dei ao Senhor Antonio.

ANTONIO.

Não se afflija, pois não desejo mais casar-me com uma mulher que tem eclipses.

JUCA.

Visto isto cede?

ANTONIO.

De boa vontade...

JOANNA.

Senhor Domingos João, diga ao Senhor que sim.

ANGELICA.

Olhe que sua filha morre.

IGNACINHO.

Meu pai case-a com os diabos, o Senhor Licenciado é boa pessoa.

DOMINGOS JOÃO.

Já que todos o querem, vá feito. (*Para Juca.*)
Minha filha será sua mulher. (*Quiteria levanta-se*).

JUCA.

Como consente, quizéra que se effeituasse isto o mais breve possivel.

DOMINGOS JOÃO.

Iremos agora mesmo fallar ao vigario, e de caminho podemos ver a festa.

JOANNA.

Diz bem.

DOMINGOS JOÃO.

Vão-se vestir. (*Sahem as duas.*)

JUCA.

Quando acabar meus estudos voltarei para ajudar meu pai.

DOMINGOS JOÃO.

Dê-me um abraço. (*Para Ignacinho.*) Já agora não irás amanhã para a cidade. Quem havia dizer que o Sr. Juca seria meu genro!

ANGELICA.

Deos assim o quiz.

DOMINGOS JOÃO.

E o quebranto não?... Dizia esta mulher, Sr. Juca, que minha filha tinha quebranto, diabo no corpo, espinhela cahida, quando ella não teve senão um carbonato de eclipse.

JUCA *rindo-se sem se poder conter.*

É verdade!

DOMINGOS JOÃO *desconfiado.*

De que se ri?

JUCA.

Da asneira da Senhora.

Entra Joanna com chale encarnado, e chapéo de homem, Quiteria do mesmo modo, e traráo o chapéo de palha, e bengala de Domingos João.

JOANNA.

Estamos promptas. Toma o teu chapéo.

DOMINGOS JOÃO.

Vamos.

TODOS.

Vamos. (*Sahem todos.*)

Mutação de scena. Arraial: no fundo á esquerda o frontispicio de uma Igreja tendo uma torre e sinos: á porta uma musica de barbeiros sentada em um banco. Defronte da Igreja, porém um pouco mais para a rampa o Imperio, junto ao Imperio a porta de uma taverna onde estarão pendurados differentes objectos, como roupa feita, bacalhão, cordas, &c. Diante da porta da Igreja, no chão, folhas de mangueira.

SCENA I.

ALGUNS LAVRADORES *espalhados pela scena.*

PRIMEIRO LAVRADOR.

Que bella festa!

SEGUNDO LAVRADOR.

É verdade, o Juiz é um barra.

PRIMEIRO LAVRADOR.

Vamos tomar um godorio antes de entrarmos.

SEGUNDO LAVRADOR.

Vamos. (*Vão para a porta da taverna.*)

PRIMEIRO LAVRADOR.

Ah! Sr. Pimenta, mande cá fóra um copo da branca.

PIMENTA *dentro*.

Já vai.

SEGUNDO LAVRADOR.

Assentemo-nos. (*Assentão-se em um banco á porta da venda.*)

TERCEIRO LAVRADOR *junto á Igreja*.

Iii! que funcção!! tanta gente!

QUARTO LAVRADOR.

Na cidade hão de ficar com inveja!

TERCEIRO LAVRADOR.

E mesmo. (*Entra pela porta da venda um menino com um copo grande com aguardente, e dá aos dous.*)

SEGUNDO LAVRADOR *bebendo*.

Bella pinga!

PRIMEIRO LAVRADOR.

Dá-me. (*Bebe.*) Esta é do Engenho de Caribapeba. Tem boa prova. (*Para o mesmo.*) Toma o copo. (*O mesmo toma o copo, e sahe.*)

SEGUNDO LAVRADOR *levantando-se*.

Agora podemos ir.

PRIMEIRO LAVRADOR *levantando-se.*

Vamos.

SEGUNDO LAVRADOR.

Aquelle que ali vem não é o capitão-mór ?

PRIMEIRO LAVRADOR.

É, sim.

SCENA II.

Entra o capitão-mór com a filha pelo braço. Virá elle vestido da seguinte maneira: farda de ordenança, chapéo armado, calça branca por dentro das botas, e bengala. A filha terá um vestido muito curto e chapéo de palha.

CAPITÃO-MÓR *para dentro.*

Toma lá sentido nesses cavallos que não fujão.

SEGUNDO LAVRADOR.

Um criado de Sua Senhoria.

CAPITÃO-MÓR.

Tambem por cá, Sr. Anselmo?

SEGUNDO LAVRADOR.

É verdade, Vossa Senhoria, vim ver a festa.

FILHA DO CAPITÃO-MÓR.

Sabe-me dizer se já principiou ha muito tempo ?

PRIMEIRO LAVRADOR.

Está quasi acabada.

CAPITÃO-MÓR.

Se o diabo do negro deixou fugir os cavallos do cercado. (*Entrão, enquanto assim fallão,*

pelo fundo Pereira e Silva, de calça, jaqueta branca, e bonés, e tudo muito á moda.)

PEREIRA *para Silva no fundo.*

O' Silva, que judas ali está!!

SILVA.

Oh! que figurão! ah! ah!

FILHA DO CAPITÃO-MÓR.

Vamos, meu pai. (*Encaminhão-se para a Igreja, e encontrão-se com Pereira e Silva.*)

SILVA.

Um criado do digno capitão-mór José Combuca.

CAPITÃO-MÓR *comprimentando-os.*

Meus senhores. (*Entra na Igreja seguido dos dous lavradores.*)

PEREIRA.

Que me dizes deste original?

SILVA.

É excellente e desfrutavel; mas a filha não é má, tem boa lata.

PEREIRA.

Deixa-te disso; uma tapuya daquellas.

SILVA *olhando ao redor.*

Vê como isto está bello! Que festa, que caricaturas! Ah! ah! Os Tapiocanos sahirão fóra do serio.

PEREIRA.

Que diabo é aquillo que lá vem?

SILVA.

O que é?

PEREIRA.

Olha.

SILVA saltando de contente.

Bravo! bravo! temos comedia..... Como vem enfeitado!

SCENA III.

Entrão pelo fundo além do Imperio todos os que estiverão em casa de Domingos João em um carro puxado por um boi, e coberto com uma esteira, e todo enfeitado com ramos verdes. Um negro em ceroulas e camisa d'algodão, conduz o carro. Juca vem a cavallo. O carro entra pela direita, vai-se cozendo com o panno do fundo, avança depois pelo lado esquerdo, atravessa pela frente do tablado, e volta pelo lado esquerdo, parando quasi junto do Imperio. Depois de parado ver-se-ha as pessoas que estão dentro arranjando-se todas, e questionando umas com as outras. Antonio, antes de saltar em terra, calça ao botas. Sahem todos do carro. Juca desmonta, e dá o cavallo ao moleque de Domingos João, que vem tambem dentro do carro, e este o leva para dentro, acompanhando o carro que tambem entra.

SILVA.

Olha que cosmorama!

PEREIRA.

Vê aquella Serigaita.

SILVA.

E a Tartaruga.

PEREIRA.

E o guarda nacional.

AMBOS.

Excellent!

SILVA.

Bravo o coche !

PEREIRA.

Isto é impagavel.

SILVA.

E na cidade vão ao theatro ver comedia ; isto é que é comedia. (*Riem-se ás gargalhadas... N. B. Estas palavras dizem elles emquanto o carro anda pela scena.*)

SILVA.

Aquelle calça as botas, teve medo de as estragar no carro. (*Risadas.*)

ANTONIO *sentado no carro calçando as botas.*

Os Senhores de que se riem ?

PEREIRA.

Olha que cara !

SILVA.

O' chimango ! (*Risadas.*)

ANTONIO.

Mal criados , não sei onde estou...

SILVA.

Está calçando botas.

DOMINGOS JOÃO *de dentro do carro.*

Sr. Antonio saía, e deixe os mais sahirem ; com quem está o Senhor questionando ?

ANTONIO.

Com aquelles dous badamecos, que pensão que isto aqui é o Largo do Rocio.

DOMINGOS JOÃO.

Não faça caso.

ANTONIO, *saltando do carro.*

Bregeiros! (*Sahem todos do carro.*)

SILVA.

Olha que ninhada!

Entra Juca a cavallo.

PEREIRA.

Ali vem o D. Quixote.

SILVA.

Cavalleiro da triste figura e... Mas que diabo, aquelle é o Juca!

PEREIRA.

É elle mesmo!

Juca desmonta, dá o cavallo ao moleque da camisola, que vem tambem dentro do carro, que leva o cavallo para dentro acompanhando o carro.

JOANNA.

Aqui está o Sr. Juca.

JUCA.

Já chegarão ha muito?

DOMINGOS JOÃO.

Neste instante.

SILVA.

O' Juca!

JUCA.

Quem me chama?... Oh! o Silva e o Pereira por

*cá (vai para elle e a familia fica no mesmo lugar
arranjando um o chapéo, outro a calça, etc.)*

SILVA.

Que diabo fazes tu aqui ?

JUCA.

Vim com esta gente.

SILVA.

Onde achaste estes bichos ?

JOANNA.

Sr. Juca, venha.

JUCA.

Lá vou.

SILVA.

Manda toda esta sucia para o cosmorama.

JUCA.

Já tu principias.

JOANNA.

O Senhor vem, ou não ?

JUCA.

Adeos, meus amigos, até logo. (*Vai para junto
da familia, que se encaminha para a Igreja.*)

PEREIRA.

Onde se foi metter o Juca ?

SILVA.

Hú ! ó chimango ! Quiquiriqui ! !

PEREIRA.

Larga a barretina.

ANTONIO, *olhando para trás muito zangado*,
Bregeiros !

OS DOUS.

Hú! hú! não ha de casar!! (*Risadas.*) (*A família entra na Igreja.*)

SILVA.

Isto está de se alugar camarote !

SCENA IV.

Entra pela direita um homem de braço dado com uma mulher.

Virá o homem vestido da seguinte maneira : chapéo de copa muito alta, gravata encarnada, e o collarinho da camisa até acima das orelhas, collete e casaca muito antiga, calça branca muito curta, quasi atrepada por cima dos botins, e uma presilha muito comprida. A mulher trará um vestido velho de setim bordado de prata, e duas plumas muito grandes na cabeça ; o vestido estará muito mal arranjado, Estes dous entrão e encaminhão-se para a Igreja.

PEREIRA.

Oh ! que casal de marrecos !

SILVA.

Olá, Senhor meu, vende-me uma vara de presilhas?

PEREIRA.

Bravo a elegancia!...

SILVA.

Foi M.^{me} Josephina quem fez o vestido? Respon-da, não se agaste ! Adeos, amorzinho !

Os dous continuão sempre a andar, enquanto os dous rapazes fallão, voltando-se ás vezes para trás zangados, e entrão na Igreja.

SILVA.

São dous cascaveis que fugirão do mato.

PEREIRA.

É pena que não haja aqui um lasaro !

Principião a repicar os sinos: os barbeiros tocão.

PEREIRA.

Acabou-se a festa.

SILVA.

Os negrinhos como brilhão !

Entra para scena pela porta da Igreja o seguinte cortejo :

- 1.º A Folia do Espirito Santo, constando de oito rapazes vestidos de jardineiros, trazendo duas violas, um tambor e um pandeiro.
 - 2.º O Imperador do Espirito Santo, que será um homem muito grande e muito gordo, com calções e casaca de velludo, chapéo armado e espadim. Virá elle no meio de quatro homens que o encerrão dentro de um quadrado de quatro varas encarnadas.
 3. Todos os que estavam na Igreja, isto é, uma população da roça.
- O Imperador sobe para o Imperio, seguido dos quatro homens ; assenta-se e estes ficão dos lados. Os foliões ficão ao lado do Imperio, e o povo pela praça. Os barbeiros tocão durante todo este tempo.

PEREIRA.

Bravo o cortejo !

SILVA.

Que marmanjo feito Imperador do Espirito Santo ! Que garbo !

PEREIRA.

Os surrucucús se ajuntarão hoje.

SILVA.

Espera que temos leilão !

PEREIRA.

Faltava mais esta !

SILVA.

Temos materia para desfrute!... Olá! venha o leilão ! o leilão !

PEREIRA.

O leilão !

TODOS.

O leilão !

UM DOS QUATRO HOMENS.

Já vai ! já vai !

PEREIRA.

Pára a musica ! pára a musica !

SILVA.

Viva o digno leiloeiro !

TODOS.

Viva !

UMA MULHER.

Que divertimento tão bello !

SEGUNDO LAVRADOR.

É verdade !

DOMINGOS JOÃO.

O' homem ! na côrte não se faz uma festa tão bonita.

QUITERIA.

Minha mãe...

O HOMEM.

Silencio.

TODOS.

Sio ! sio !! (*A musica dos barbeiros pára.*)

O homem do leilão descera do Imperio com um pão-de-ló em uma salva de prata.

O HOMEM.

Aqui está um pão-de-ló, meus senhores, muito fresquinho. Os ovos que o fizerão forão postos hontem. Quanto offerecem pelo pão-de-ló, quanto offerecem ? Foi feito por Yáyá ! Quanto offerecem ?

PRIMEIRO LAVRADOR.

Tres mil réis.

O HOMEM.

Tenho 3\$000 pelo pão-de-ló, 3\$000, 3\$000!... Não ha quem mais dê ? 3\$000, 3\$000 pelo pão-de-ló, 3\$000.

ANTONIO.

Tres mil réis e uma pataca.

O HOMEM.

Tres mil trezentos e vinte, 3\$3...

ANTONIO.

Não, Senhor, é 3\$000 e uma pataca.

O HOMEM.

É a mesma cousa, 3\$320 ! 3\$320 !... Tão barato ! vejão como está saltando de fresco ! 3\$320... Como está fôfo ! 3\$320.

DOMINGOS JOÃO.

E cincoenta réis.

O HOMEM.

Tres mil trezentos e cincoenta... Não ha quem, senão se arremata. 3\$350... Dou-lhe uma... dou-lhe duas... Está queimando de fresco! 3\$350.

JUCA.

Seis mil réis!

ALGUMAS VOZES.

Bravo! bravo!

O HOMEM.

Seis mil réis! seis mil réis! Dou-lhe uma, dou-lhe duas, dou-lhe tres e esta que é mais pequena. O pão-de-ló é do Senhor.

SILVA.

O Juca como está brioso! Toca a musica!

Os barbeiros toçao. O homem desce com o pão-de-ló na salva, Juca o recebe, e deita o dinheiro na salva; o homem torna a subir, e Juca dá o pão-de-ló a Quiteria.

JUCA.

Isto é teu.

QUITERIA (*tomando*).

Obrigada.

SILVA.

Bravo a fineza!

TODOS.

Venha outra cousa! venha outra cousa! (*Pára a musica.*)

O HOMEM.

Lá vai ! (*Bota na salva uma gallinha toda enfeitada de laços de fita.*) Quanto offerecem pela gallinha? Está gorda como um Perú!. Faz bom caldo. Quanto offerecem? Vejão! vejão!

DOMINGOS JOÃO.

Duas patacas.

O HOMEM.

Tenho 640, 640... O' Senhores, uma gallinha destas 640!... tenho 640. Boa poedeira, cinco ovos por dia, 640.

SEGUNDO LAVRADOR.

Novecentos e sessenta.

O HOMEM.

Novecentos e sessenta... 960... Tem ovo para amanhã... 960... não ha...

ANTONIO.

Quatro patacas.

SEGUNDO LAVRADOR.

Cinco patacas.

ANTONIO.

Seis!

SEGUNDO LAVRADOR.

Oito!

ANTONIO.

Dez!

SILVA.

Os Carijós se atracarão.

SEGUNDO LAVRADOR.

Doze !

ANTONIO.

Quatorze !

O HOMEM.

Quatro mil quatrocentos e oitenta... Quatro mil quatrocentos e oitenta !...

SEGUNDO LAVRADOR.

Dezeseis patacas !

ANTONIO.

Meia dobra !

O HOMEM.

Doze mil e oitocentos... Doze mil e oitocentos, não ha quem mais dê ? senão se arremata ; dou-lhe uma... é boa mãe de filho... dou-lhe duas, uma maior outra mais pequena.

SEGUNDO LAVRADOR.

Dezeseis man réis !

ANTONIO.

Vinte men res !

O HOMEM.

Vinte mil réis, 20\$000. Dou-lhe uma, dou-lhe duas, dou-lhe tres; e esta que é mais pequena !

TODOS.

Hú ! hú ! fóra o tolo que cedeu ! hú ! toca a musica. (*Os barbeiros tocão.*)

ANTONIO (*victorioso*).

Queria brincar com a pessoa !

SILVA.

O gallo como está victorioso! (*O homem entrega a gallinha a Antonio que a dá a Joanna.*)

ANTONIO.

Está esta gallinha para dar ovos para Senhora Dona comer molles e duros.

SILVA.

Sentido que não volte o ovo!

TODOS.

Mais! mais! Pára a musica. (*Pára a musica.*)

O HOMEM.

Aqui está um cartuxo que quem deu encomendou que não abrisse senão depois de arrematado. Quanto offerecem pelo cartuxo de segredo?

PRIMEIRO LAVRADOR.

O que é que tem dentro?

O HOMEM.

Não sei.

PRIMEIRO LAVRADOR.

Então não quero.

O HOMEM.

Ha mais quem queira. Quanto offerecem?

SILVA.

Um chan-chan!

TERCEIRO LAVRADOR.

Fóra o tolo!

SILVA.

O boi fallou !

O HOMEM.

Quanto pelo cartuxo... Este segredo , é o segredo da abelha... Arrematem e verão ! Não fazem idéa... Quanto , quanto pelo segredo , vejão que cartuxo tão roliço , faz gosto , tão roliço !

A FILHA DO CAPITÃO MÓR.

Arremate , meu pai , eu quero.

CAPITÃO MÓR.

Trezentos e vinte.

O HOMEM.

Trezentos e vinte pelo segredo... que segredo tão barato. 320... 320... dou-lhe uma que é boa... 320...

SILVA.

Uma pataca.

O HOMEM.

Isso já eu tenho.

SILVA.

Cento e sessenta.

CAPITÃO MÓR.

Trezentos e vinte é meu.

O HOMEM.

Não ha quem mais dê 320 , 320... dou-lhe uma .

SILVA.

E eu dou-lhe outra.

O HOMEM.

Dou-lhe tres.

SILVA.

Vá dar ao diabo.

O HOMEM.

E esta que é mais pequena.

PEREIRA.

Venha o segredo !

O homem desce com o cartuxo para entrega-lo ao Capitão-mór.
 Todos grupão-se ao redor d'elle.

CAPITÃO MÓR.

Toma , menina.

A FILHA (*tomando*).

Tenho medo.

ALGUMAS VOZES.

Abra ! abra !

SILVA.

Não abra , que é uma jararaca.

A FILHA.

Ai ! que medo.

ALGUMAS VOZES.

Abra , que não é nada.

PEREIRA.

Então de que serve abrir ?

A filha do Capitão abre com muito receio , e sahe de dentro uma
 pomba branca , fazendo-se o possivel para que võe para os
 camarotes.

TODOS (*vendo sahir a pomba*).

Pega ! pega ! Lá vai ! A espingarda ! agarra ! pega !
 Lá se foi !...

A FILHA DO CAPITÃO.

Ora voou !

SILVA.

Não se afflija que temos cousa melhor... O lá!
bota a casaca e o chapéo armado daquelle estafermo
no leilão. (*Diz isto apontando para o impe-
rador.*)

PRIMEIRO LAVRADOR.

Cala a bocca , patife.

SILVA.

Miau!... Corococó!

ANTONIO.

Bregeiros!

SILVA E PEREIRA.

Carijó! marreco! (*Botão os dedos na bocca e
assobião.*)

DOMINGOS JOÃO.

Ensinemos a estes capadocios.

ALGUMAS VOZES.

Sim! sim!

Tumulto. Logo que os roceiros querem ir sobre os rapazes os
foliões tocam viola e tambor.

ALGUMAS VOZES.

A folia!

TODOS (*esquecendo-se dos rapazes*).

A folia! a folia!

Os foliões sahem para frente, e fazendo todos um círculo o mettem no meio.

UM FOLIÃO (*cantando*).

A pombinha está voando
P'ra fazê nossa folia ,
Vai voando , vai dizendo
Viva , viva esta alegria.

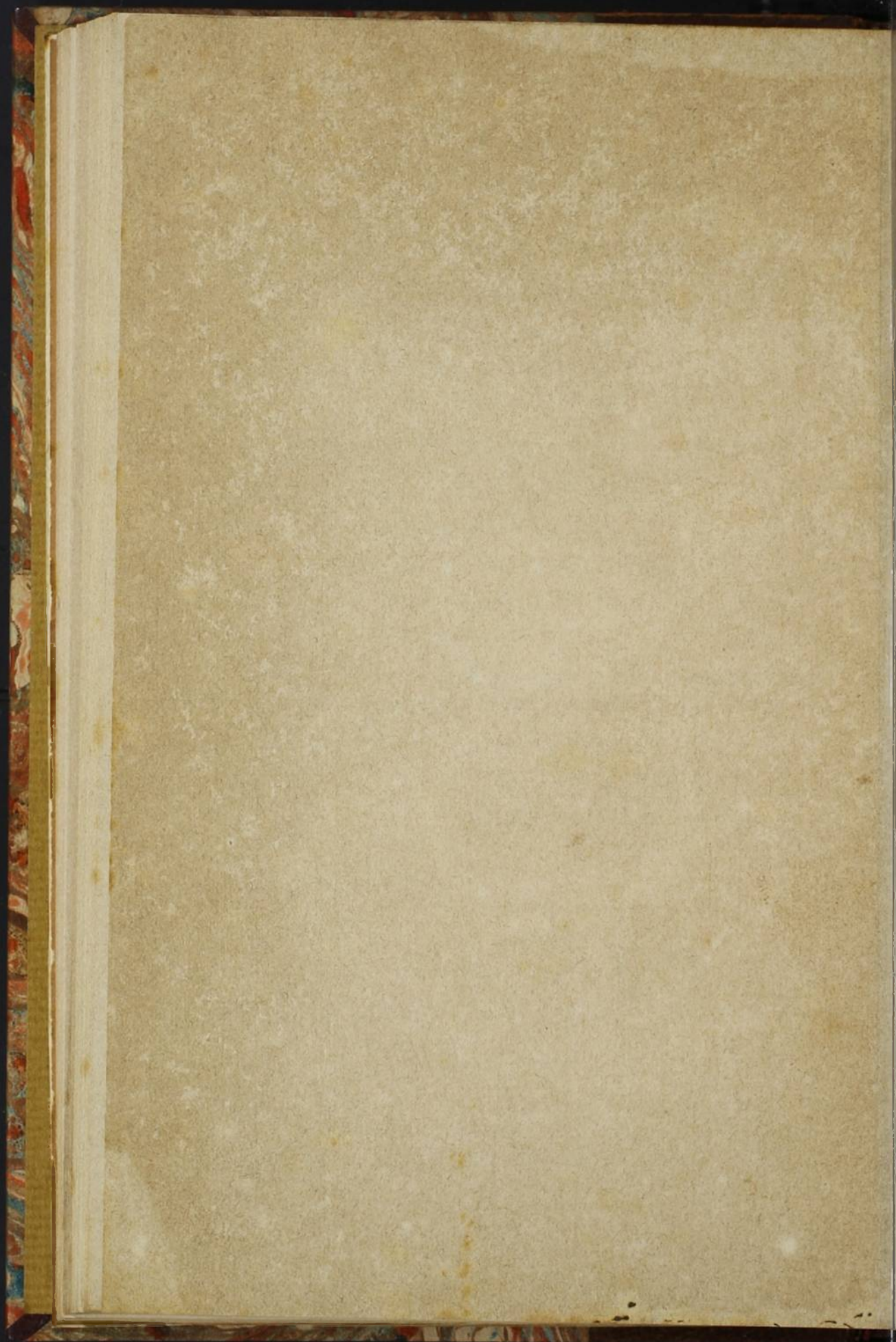
Dansão, e todos applaudem com palmas, bravos e vivas.

FOLIÃO (*cantando*).

Esta gente que aqui está
Vem p'ra vê nosso leilão ,
Viva , viva a patuscada
E a nossa devoção !

Dansão. Os sinos repicão, os barbeiros tocão o lundum, e todos dansão, e gritão, e abaixa o panno.





LIVROS DE SORTES

PARA AS NOITES DE

S. JOÃO E S. PEDRO

Jogo de disparates amatorios

Lindo divertimento para qualquer sociedade; contendo em cento e quatro cartões, cincoenta e duas perguntas e cincoenta e duas respostas adequadas, em verso rimado, offerecido para divertimento do bello sexo; por C. O. L. Em um lindo tachim..... Rs. 3\$000

REVELAÇÕES DO CIGANO

Recente collecção de sortes engraçadas sobre variados assumptos, para entretenimento das noites de S. João, S. Pedro e Sant'Anna, respondendo em versos divertidos ás questões que mais possam interessar aos curiosos. Um volume adornado de grande numero de vinhetas burlescas..... Rs. 1\$000

O FADO

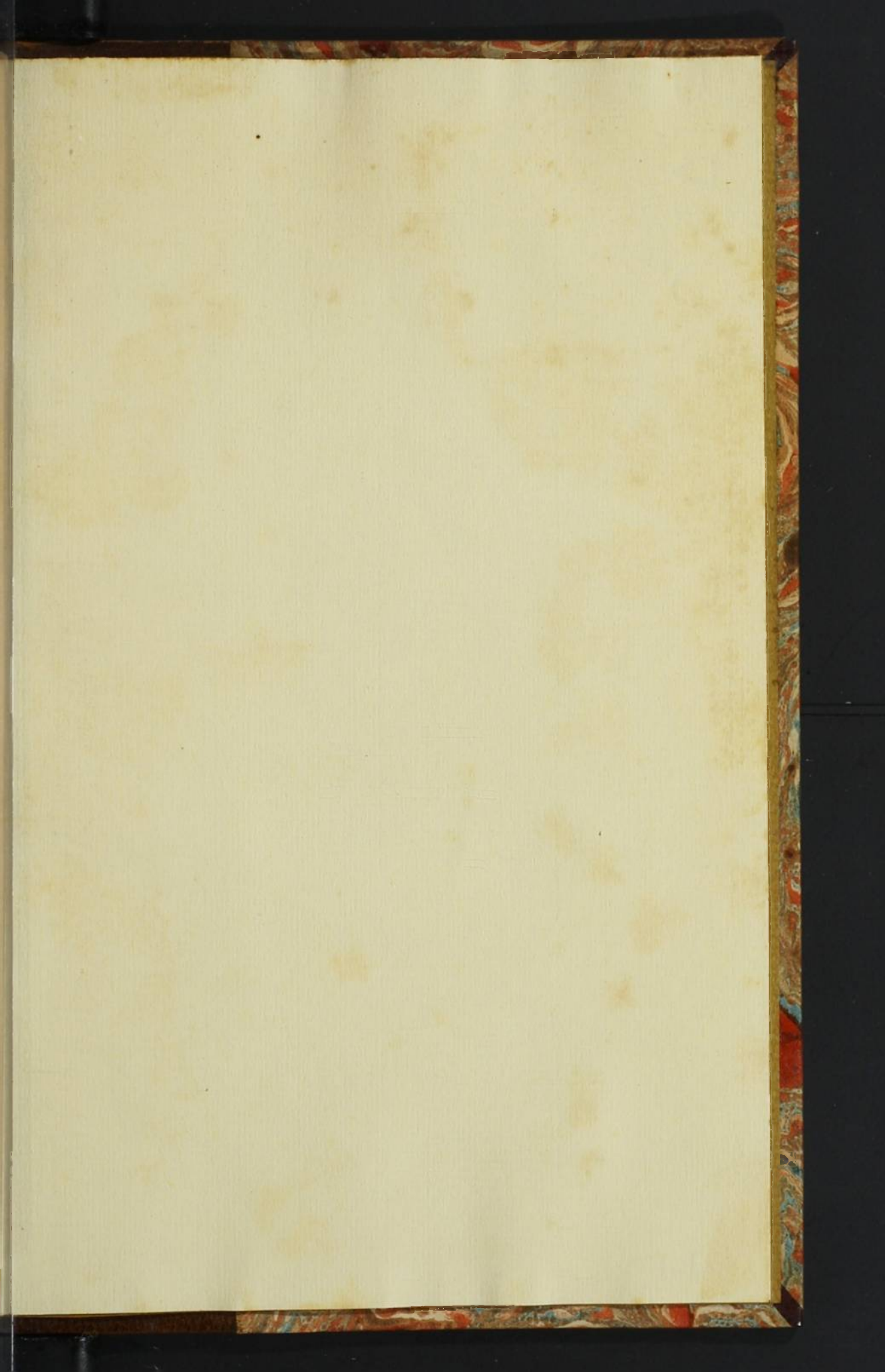
Novissimo livro ou jogo de sortes engraçadas, offerecendo um gostoso entretenimento das companhias sociaes e divertidas, dedicado a todas aquellas pessoas que em bella sociedade quizerem rir-se com os disparates de uma fortuita sorte, e por meio de tres dados vir cada um ao conhecimento do estado, riquezas, heranças, amizades, fortunas, contendas e gostos, etc., que terá, com a Cartomancia ou arte de lêr o futuro nas cartas. Um volume brochado..... Rs. 1\$500

CHIROMANCIA

Ou arte de conhecer a sorte futura pelas linhas e veias das mãos
Um volume brochado..... Rs. \$500

Acham-se á venda na casa de Laemmert & C.

66 RUA DO OUVIDOR 66



17369

